

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

- Tese (doutorado) Artigo científico
 Dissertação (mestrado) Capítulo de livro
 Monografia (especialização) Livro
 TCC (graduação) Trabalho apresentado em evento

Produto técnico e educacional - Tipo:

Nome completo do autor:

Leonardo de Souza Ramos

Matrícula:

2018 206 2213 50 131

Título do trabalho:

OS DESAFIOS DO USO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA NOS ANOS INICIAIS: UMA
REVISÃO DA LITERATURA

RESTRIÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO

Documento confidencial: Não Sim, justifique:

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: 12 /05 /2023

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O(a) referido(a) autor(a) declara:

- Que o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- Que obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autoria, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- Que cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra Instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Campos Belos de Goiás

Local

12 /05 /2023

Data

Leonardo de Souza Ramos

Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

Ciente e de acordo:

Elvira Carla de Souza Louvelles

Assinatura do (a) orientador(a)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO -

Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância



Anexo IV

TERMO DE RESPONSABILIDADE AUTORAL

Eu, Leomardo de Souza Ramos, discente do curso de Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância do IF Goiano, autor do artigo científico intitulado, OS DESAFIOS DO USO DA SIGLA C + P D A T E C A NOS ANOS INICIAIS: UMA REVISÃO DE LINGUAGEM, declaro, para os devidos fins da Lei nº 9.610, de 19/02/98, que me responsabilizo inteiramente perante o IF Goiano, o (a) professor (a) orientador (a) e demais membros da banca examinadora, pelo aporte ideológico e referencial, me responsabilizando por eventual plágio do texto que consubstancia a obra de minha autoria, submetida à banca examinadora para defesa de Trabalho de Conclusão (TC) do curso de Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância. Destarte, sob as penas da lei, estou ciente das responsabilidades administrativas, civis e criminais em caso de comprovada violação dos direitos autorais.

Cidade, Uberlândia de MAIO de 2023

Leomardo de Souza Ramos
Acadêmico/Autor



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO -



Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância

Anexo II

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CURSO

Ao(s) vinte e nove dia(s) do mês de abril de dois mil e vinte e três, às 09:00 horas, reuniu-se a banca examinadora composta pelos docentes: Debora Carla de Souza Carvalho (orientadora), Tatiana Guimarães Sampaio (membro), Caio Pereira Martins (membro), para examinar o Trabalho de Curso intitulado “Os Desafios do Uso da Sequência Didática Nos Anos Iniciais: Uma Revisão da Literatura” do(a) estudante Leonardo de Souza Ramos, Matrícula nº 2018206221350131 do Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância. A palavra foi concedida ao(a) estudante para a apresentação oral do TC, houve arguição do(a) candidato pelos membros da banca examinadora. Após tal etapa, a banca examinadora decidiu pela APROVAÇÃO do(a) estudante. Ao final da sessão pública de defesa foi lavrada a presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Debora Carla de Souza Carvalho – Orientador/Presidente da Banca -

Caio Pereira Martins – Membro

Tatiana Guimarães Sampaio – Membro

Leonardo de Souza Ramos – Acadêmico

OS DESAFIOS DO USO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA NOS ANOS INICIAIS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

THE CHALLENGES OF USING DIDACTIC SEQUENCE IN THE EARLY YEARS: A LITERATURE REVIEW

Leonardo de Souza Ramos¹

Debora Carla de Souza Carvalho²

RESUMO

O presente artigo discute os percalços encontrados no desenvolvimento de sequências didáticas no ciclo de alfabetização, pontuando os prós e contras desse processo, de modo que encontremos o desenlace para a questão: quais os desafios podem ser encontrados no uso da sequência didática no ciclo de alfabetização? Para alcançar a apuração desta problemática, elencamos como objetivo geral: compreender como têm ocorrido a aplicação de sequência didática no ciclo de alfabetização, que por sua vez, para ser alcançado foi fracionado em 02 objetivos específicos: 01) analisar o que dizem as pesquisas sobre a aplicação da sequência didática no ciclo de alfabetização. 02) o que dizem os documentos oficiais sobre o uso de sequência didática no ciclo de alfabetização. No desenvolvimento da pesquisa os desdobramentos por meio dos quais se deu sua realização consistiram em uma pesquisa qualitativa, realizada por meio de um estudo bibliográfico, assentados no que orientam Prodanov e Freitas (2013), Marconi e Lakatos (2007). A pesquisa revelou que a sequência didática ainda é um recurso metodológico pouco utilizado, apesar de seu potencial didático, há ainda certa resistência por parte de muitos professores em manter seu uso constante.

Palavras-chave: Sequência Didática. Ensino-aprendizagem. Metodologia de ensino.

ABSTRACT

This article discusses the mishaps found in the development of didactic sequences in the literacy cycle, pointing out the pros and cons of this process, so that we find the outcome for the question: what challenges can be found in the use of the didactic sequence in the literacy cycle? To achieve the verification of this problem, we list as a general objective: to understand how the application of didactic sequence in the literacy cycle has been carried out in the last 05 years, which in turn, to be achieved, was divided into 02 specific objectives: 01) to analyze the what researches say about the application of the didactic sequence in the literacy cycle. 02) what the official documents say about the use of didactic sequence in the literacy cycle. In the development of the research, the developments through which it was carried out consisted of a qualitative research, carried out through a bibliographical study, based on what *Prodanov and Freitas (2013)*, *Marconi and Lakatos (2007)* guide. The research revealed that the didactic sequence is still a little used methodological resource, despite its didactic potential, there is still some resistance on the part of many teachers in maintaining its constant use.

Keywords: Didactic Sequence. Teaching-learning. Teaching methodology.

¹ Graduando do Curso de Pedagogia do Instituto Federal Goiano do Campus de Campos Belos. E-mail: leonardo128620@gmail.com

² Professora no IFGoiano Câmpus de Campos Belos, Pedagoga, Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Catalão - GO, deboracarlad@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

O tema sequência didática não é um segredo para ninguém no meio educacional. Muito se fala a respeito quando o assunto é metodologias de ensino. O termo “sequência didática” tem origem em meados dos anos 80 na França, como parte dos programas escolares oficiais de todos os níveis e séries, parte da tentativa do governo francês em promover um ensino “descompartmentalizado” (ZABALA, 1998) Há pelo menos 50 anos o tema tem sido objeto de discussão nos debates educacionais. Nesse sentido, nessa pesquisa nos dedicamos em debater a respeito, partindo a seguinte problemática: quais os desafios podem ser encontrados no uso da sequência didática no ciclo de alfabetização? Para alcançar a apuração desta problemática, elencamos como objetivo geral: compreender como têm ocorrido nos últimos 05 anos a aplicação de sequência didática no ciclo de alfabetização, que por sua vez, para ser alcançado foi fracionado em 02 objetivos específicos: 01) analisar o que dizem as pesquisas sobre a aplicação da sequência didática no ciclo de alfabetização. 02) o que dizem os documentos oficiais sobre o uso de sequência didática no ciclo de alfabetização.

Podemos dizer que esse delineado de questão problema e objetivos, se destinou a desenredar se a pouca utilização da sequenciada didática no ciclo de alfabetização se dá por conta de ser uma metodologia de ensino diferente do modelo costumeiro na prática escolar? Ou se por conta de alguma possível resistência por conta de grande parte dos professores, que a rejeitam por essa uma metodologia de ensino que exige mais dedicação e trabalho? Ou ainda porque geralmente é utilizada quando se trata de datas comemorativas e outros temas mais pontuais?

Deste modo, justificamos a pesquisa, no ponto em que esta pode contribuir para a construção de uma nova abordagem da sequência didática no ciclo de alfabetização como uma metodologia constante nessa fase do ensino. Podendo contribuir para a expansão dos estudos e relatos de experiência sobre essa prática na alfabetização. Na mesma medida em que contribui para a consolidação deste acadêmico em formação.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para discutirmos o assunto, precisamos que tenhamos claro em mente alguns conceitos

e como se aplicam. Em primeiro lugar para alcançarmos uma compreensão maior do conceito chave. Em segundo lugar, para que tenhamos uma linearidade para com a compreensão do que é e como se aplica uma sequência didática.

2.1 O conceito de sequencia didática

A esse respeito, dialogamos com Zabala (1998), isso porque Zabala é referência na discussão acerca de sequência didática e metodologias de ensino. O termo “sequência didática” tem origem em meados dos anos 80 na França, como parte dos programas escolares oficiais de todos os níveis e séries, parte da tentativa do governo francês em promover um ensino “descompartmentalizado”. Zabala (1998).

Para Zabala (1998), uma Sequência Didática é uma serie ordenada e articulada de atividades que formam uma unidade didática. Nessa unidade didática, por meio de objetivos que se pretende alcançar para aprendizagem, é que se seleciona os conteúdos para determinada unidade didática. Assim, se constitui uma metodologia de ensino, que ao contrário do que na maioria se executa, aqui os conteúdos são escolhidos para um objetivo, e não adequação de objetivos aos conteúdos preestabelecidos.

Ao entendermos o conceito de sequência didática, para que compreendamos o que vem a ser uma unidade didática, trazemos o conceito apresentado por Leão (2008), para esse autor, uma unidade didática é um conjunto de objetivos de ensino compostos por (noções, habilidades, teorias, leis e conhecimentos), que são reunidos em torno de uma ideia central que podemos chamar de eixo motivador/norteador. Esse eixo gerador seria de acordo com Leão, ser constituído de um todo que se integra, para assim ser incorporado ao conjunto de conhecimentos e aquisições do indivíduo através dos seus esquemas de assimilação do conhecimento.

Para a construção desse todo integrado de sentido, que constitui a sequência didática, Zabala (1998) apresenta que há 3 dimensões de conhecimentos que precisam ser compreendidos para a construção de uma sequência que de fato seja efetiva para o seu fim. São eles, os conhecimentos conceituais, conhecimentos procedimentais, e os conhecimentos atitudinais.

Os conhecimentos conceituais (grifo nosso) seriam aqueles saberes que apresentam em seu bojo o conceito de algo, o que é preciso saber, saber o nome de um rio, a data de uma

revolução, ou conhecer o processo de circulação do sangue no corpo humano, os fatos, os conceitos, os sistemas conceituais. Os conhecimentos procedimentais, (grifo nosso) que seriam os conhecimentos que tratam do que é preciso saber fazer, saber abrir um pote, saber escrever, atravessar a rua. Os conhecimentos atitudinais, (grifo nosso) que são os conhecimentos que admitem ser, como saber cumprir uma regra, seguir normas, ou ser solidário e compassivo, estes estão assentados nos valores, nas normas e leis, nas atitudes, (ZABALA, 1998).

Nesse sentido, a maneira com que se articula uma atividade dentro de uma sequência didática, deve contemplar as três dimensões dos conteúdos, de modo a determinar a especificidade, e a complexidade da sequência didática. Seguindo por essa ótica, algumas sequências didáticas podem ser mais conceituais, outras mais procedimentais, ou ainda mais atitudinais a depender do objetivo para qual a sequência se destina.

Quando a sequência didática consegue abarcar as 3 dimensões do conhecimento, a elaboração do conjunto de atividades se tornam mais amarradas aos conteúdos, para assim favorecer a aprendizagem dos alunos. Como Zabala (1998), apresenta em seu texto, a importância da organização e planejamento do conteúdo é mais importante que a forma. Nesse sentido, é preciso que se siga um roteiro para organizar as ideias que irão dar base para a sequência de ensino aprendizagem. O como fazer precisa questionar e selecionar, ter em mente as seguintes informações: O que vai ensinar? Estruturar os grupos de conteúdo, com estratégias de ensino para cada tipo de conteúdo. Estabelecer claramente os objetivos dos conteúdos. Delimitar o tempo da sequência de atividades. Para quem? Estabelecer a faixa etária, nível de aprendizagem, contexto histórico-social, habilidades e conhecimentos prévios dos alunos. Realizar uma avaliação diagnóstica com os alunos para verificar com efetividade a necessidade de um objetivo que vá de fato contribuir com a aprendizagem dos alunos.

O autor com o qual dialogamos Zabala (1998), diz que para definir e orientar uma sequência didática, alerta que ao produzir uma sequência didática, é preciso que esta seja questionada quanto a sua eficácia. Esta precisa ter conteúdos que permitam determinar os conhecimentos prévios que cada aluno tem e os considerar, de maneira que os novos conhecimentos sejam significativos para os educandos. Os conteúdos precisam ser adequados ao nível de desenvolvimento dos alunos, mas ao mesmo tempo precisam ter desafios alcançáveis, que permitam ao aluno o avanço, o conflito cognitivo e a evolução dos conhecimentos adquiridos, promovendo assim atividade favorável ao estímulo da autonomia,

autoestima e autoconhecimento, desenvolvendo desse modo, a adesão da habilidade de aprender a aprender. Constituindo assim uma sequência didática efetiva para o ensino-aprendizagem.

Tendo estabelecido esses conceitos tão importantes para a construção de uma sequência didática, traremos doravante, as contribuições de alguns autores que discutem a respeito do uso da sequência didática no ciclo de alfabetização. Apresentaremos as colocações percebidas nessas pesquisas e seus pontos convergentes e divergentes.

2.2 A revisão da literatura

Dentre os artigos destacam sobre como apresentam a sequência didática e no processo de ensino aprendizagem no ciclo de alfabetização. Elencamos a menção dos textos buscando traçar uma linearidade quanto aos assuntos abordados, de modo a facilitar o entendimento das questões apresentadas e como os textos se relacionam entre si.

Deste modo iniciamos a apresentação das ideias pontuando o que traz, Bem (2007), que em seu texto discute sobre o processo de Formação de professores, no que se refere a formação continuada, e apresenta pontos importantes sobre a resistência dos docentes à essa formação e novas possibilidades no fazer pedagógico. A autora apresenta que a realização da pesquisa ocorreu durante a análise de um projeto de formação continuada ofertado pela secretaria de educação da prefeitura de Balneário Camboriú, onde a autora descreve como ocorreu o processo os entraves e os avanços encontrados durante o processo.

No desenvolvimento de suas ideias, Bem (2007), apresenta que a formação teve início com a solicitação da reflexão sobre como a prática educativa desenvolvida pelos professores têm considerado o cotidiano e conhecimentos dos alunos. A autora aponta que durante essa reflexão, ficou claro que de modo geral o conceito e mundo e a forma de entender o homem, impressa nas suas práticas, de certa maneira pouco considera os saberes prévios dos alunos.

Nesse sentido a autora aponta que,

A partir dessas especulações, começou-se a pensar, em conjunto, a construção de uma proposta de currículo. Inicialmente, notou-se que havia, entre os professores, duas correntes de opiniões bem distintas: os que realmente estavam interessados em acrescentar subsídios a sua prática de ensino e aqueles que mantinham uma postura cética, seja no que se relacionava as intenções da Secretaria Municipal de Educação, seja com relação ao contexto escolar. Essa posição cética de alguns professores não era desconhecida pelos técnicos em assuntos educacionais da Secretaria de

Educação do Município, como se pode perceber no discurso do POEF (2002 p.4) “as pessoas envolvidas precisam estar atentas para não se deixarem contaminar por posturas conformistas, fechadas, **avessas a transformações, atuando defensivamente** em relação a mudanças” (BEM, 2007, p. 50, grifo da autora).

Um outro ponto muito importante levantado pela autora, está no entrave encontrado na formação continuada, quando a posição autoritária muitas vezes apresentada pela Secretaria de Educação, e de outro lado a resistência dos docentes quando a esse posicionamento e as propostas de mudanças em suas práticas. Estabelecia-se assim, um ciclo vicioso que dificultaria uma reflexão assertiva sobre a formação continuada, e sobre novas metodologias que possam potencializar a prática educativa.

Nesse sentido Bem (2007), elenca quais os principais problemas encontrados no processo,

Os maiores entraves concentravam-se nas dúvidas sobre assuntos relativos a conteúdos linguísticos e pedagógicos. Quanto a esses últimos, os problemas mais frequentemente mencionados referiam-se ao livro didático (a inconstância quanto a série didática adotada, o fato de a apresentação dos conteúdos nem sempre corresponder às expectativas dos professores etc.) e a falta de condições para reprodução de material didático. Problema ainda maior era o vínculo que os professores mantinham com até três escolas diferentes, para poderem receber um melhor salário, e o número excessivo de aulas dadas. (BEM, 2007, p. 51)

Em sequência, a autora apresenta que tendo identificado a resistência sobre a adesão a novas metodologias de ensino, e a situação em que se encontravam os professores, foram levantadas questões sobre como envolver melhor os alunos no processo de ensino e aprendizagem de modo que este se sentisse mais participante no processo. Nesse ponto, diante da inegável resistência em aceitar sugestões de fora, sobre a formação continuada e possibilidades didáticas para suas práticas de ensino, durante o projeto, Bem (2007), apresenta que foram criados grupos de troca de experiências, onde foram evidenciados que um grupo estava mais aberto a inovação pedagógica enquanto outro se mantinha cético à possibilidade de sucesso, quanto ao uso de projetos e sequências didáticas para o ensino escolar.

Bem (2007), pontua que é indiscutível que em primeiro lugar há ainda um clima de desencontro entre as autoridades educativas, o que essas recomendam e a aceitação por parte dos docentes que veem como imposição externa. Outro ponto evidente é que os docentes com mais tempo de formação e atuação têm mais dificuldade de aceitar mudanças em como atuam em suas práticas, em especial quando se é sugerido o uso da sequência didática.

A resistência quanto ao uso de novas metodologias e mudança didática, entre elas a sequência didática, implica em maior demanda, e diferenciação no planejamento e

execução, de modo que pensando no perfil de professores que trabalham em várias escolas, tem jornada dupla, ou mesmo aqueles que estão cômodos em suas carreiras e não desejam maior carga de trabalho, o que nem sempre os profissionais da sala de aula estão dispostos a fazer.

Outra autora que apresenta discussão sobre o processo de formação continuada, envolvendo sequência didática é Santos (2006),

[o] processo envolveu a análise da apropriação de duas professoras de séries iniciais da rede municipal do Recife acerca da resolução de problemas de estrutura multiplicativa. Para tal, essas professoras vivenciaram e elaboraram seqüências didáticas como proposto por Brousseau (1986). Para a construção desse processo de formação consideramos as experiências e anseios das professoras, pois acreditamos que somente assim elas se sentem envolvidas e motivadas a pensar sobre sua prática e sobre o que sabem ou pensam que sabem. O processo de formação continuada foi realizado durante dois meses, sendo composto de cinco encontros com as professoras e cinco observações de suas salas de aula, de forma intercalada. Esse processo ocorreu numa dinâmica de ação-reflexão-ação, na qual a sala de aula era objeto de análise das professoras e ponto de partida para elaboração dos encontros. Ao final do processo podemos afirmar que as professoras passaram a compreender as diferentes lógicas envolvidas em problemas de estrutura multiplicativa e a trabalhar com mais uma forma didática em sala de aula, as seqüências didáticas. O processo de formação a partir de vivências de seqüências didáticas e a organização pedagógica a partir também de seqüências didáticas foram fundamentais para que as professoras pudessem refletir sobre suas resoluções e sobre as resoluções de seus alunos. (SANTOS, 2006, p.09)

Nessa perspectiva, a autora apresenta que em sua pesquisa constatou que a formação continuada é para além de uma necessidade, um caminho para a renovação teórica, e conhecimento de novas metodologias de ensino. Assim, ela aponta que ficou perceptível que a sequência didática é uma abordagem didática que proporciona sempre uma experiência única em seu desenvolvimento ainda que o tema seja o meemos cada sequência é uma, o seu desenvolvimento proporciona diálogo, valorização dos saberes dos alunos, autonomia e interação no processo de aprendizagem, (SANTOS, 2006).

Nesse Sentido, Santos (2006), aponta que,

[a] elaboração de atividades de validação para os alunos, discussão sobre as etapas da seqüência didática e como elas estavam percebendo as ações durante a formação e reflexão sobre a relação teoria e prática no processo de formação. No processo vivenciado nessa experiência, fica claro através da explicitação das professoras que os alunos são expostos a situações de ação. Para que depois verifiquem se suas estratégias atendem ao que foi solicitado. Assim, eles têm a possibilidade de discutir sobre o que fizeram, não cabendo apenas ao professor a afirmação de certo ou errado. Somente ao final, é que é feita a institucionalização do conceito trabalhado. O ensino considerado tradicional apresenta uma organização pedagógica na qual a sistematização do conhecimento é o ponto de partida para a apreensão de um novo conceito, o que fora posto a partir da formação era exatamente o contrário, esta sistematização viria apenas ao final da seqüência apresentada. (p.169-170)

Diante dessa afirmação, podemos perceber que o uso da sequência didática, coloca o ensino de uma maneira onde o ato de aprender vem antes de se determinar o que deve ser aprendido, pensado como num processo onde a ação proporciona uma aprendizagem mais completa e além do requisito normativo.

Ao fim de suas considerações Santos (2006) afirma que,

o processo de formação continuada a partir da vivência de seqüências didáticas se mostrou viável, uma vez que, de fato, proporcionou as professoras das séries iniciais do ensino fundamental a se apropriarem de diferentes tipos de problemas multiplicativos e a saberem elaborar seqüências didáticas a serem desenvolvidas em suas salas de aula. (p. 193)

Nas considerações dessa autora podemos perceber que, a sequência didática se mostrou uma abordagem metodológica com grande potencial de ensino e aprendizagem, potencializadora da apropriação do conhecimento, de modo que professores e alunos são atores nesse processo. Além disso, essa abordagem, demonstrou que se não pela formação continuada, muitos profissionais do ensino ainda desconhecem a sequência didática em sua essência, e por desconhecerem não utilizam.

A seguir apresentamos as considerações de Sucupira (2017), que apresenta uma análise sobre a “possibilidade de contribuição de uma sequência didática, por meio da resolução de problemas, como estratégia facilitadora do processo de ensino e de aprendizagem de frações” (p. 06). Essa autora enfatiza que,

pensar sobre a prática educativa consiste em analisar as variáveis que a moldam: a organização social, as relações interativas, a organização do conteúdo, a distribuição do tempo, o uso de recursos didáticos, a utilização do espaço e as demais variáveis, a partir de uma visão integrada de todos os elementos passíveis de intervenção nessa prática. Para entendê-la reflexiva é necessário também analisar o planejamento e a avaliação e não somente os processos educacionais que acontecem na sala de aula, uma vez que deve ser inicialmente considerado o que o professor espera alcançar e o que pretende e, posteriormente, os resultados obtidos. Em resumo, analisar a prática educativa e as variáveis de intervenção nessa prática implica necessariamente perceber a realidade da aula, seu planejamento, aplicação e avaliação. (SUCUPIRA, 2017, p. 39)

Desse modo, o sucesso das práticas na sala de aula depende, de um processo de observação e compreensão de seu contexto, consideração das variáveis envolvidas e boa execução e escolha das atividades a serem realizadas. “No entanto, as atividades em si não serão suficientes para definir os diversos modos de intervenção pedagógica. É preciso então colocá-las de forma sequencial e significativa, formando uma nova e mais completa unidade de análise da prática, as seqüências didáticas” (SUCUPIRA, 2017, p. 40). Nesse ponto, podemos dizer, que a sequencias didáticas tem muito a oferecer para efetivação significativa

da aprendizagem.

Ao apresentar suas considerações, Sucupira (2017), apresenta dois pontos importantes. O primeiro referente “à formação docente, indicaram ser preciso um preparo mais adequado do futuro professor, em que deverá ser revista a ação prática e reflexiva sobre os processos de ensino e de aprendizagem [...]” (p. 108). Pensar na formação docente pressupõe considerar dois momentos importantes a eficácia da formação de professores par a prática docente, e a qualidade das formações continuada ofertadas.

O segundo ponto, diz respeito,

à sequência didática como ferramenta facilitadora da prática em sala de aula, sua aplicação e transformação da prática em benefício dos alunos e dos professores os participantes da pesquisa a consideraram motivadora, dinâmica e inovadora, contribuindo para o fazer pedagógico e para o desempenho do aluno, bem como pretendem utilizá-la em suas aulas, na medida em que foi considerada um recurso importante para a aprendizagem. Quanto à participação na construção da SD, sinalizaram que trouxe contribuições, porque levou à reflexão sobre a prática pedagógica usualmente trabalhada e à pesquisa sobre uma nova ação facilitadora da aprendizagem, promovendo e ampliando a compreensão sobre a práxis. (SUCUPIRA, 2017, p. 108)

Na pesquisa realizada por Sucupira, podemos perceber que conforme houve abertura e disponibilidade dos professores, os resultados conseguiram alcançar maior êxito, quanto a prática da sequência didática, de modo que a autora ressalta que há sim, um processo de déficit na formação inicial do professore, que precisa ser suprida com formação continuada de qualidade tanto para embasamento teórico da pratica quando para a utilização de novas práticas didáticas de ensino. e a mais viável delas seria a sequência didática. Que proporciona além da interdisciplinaridade, contextualização e autonomia.

Em um artigo de sua revista Ceale (2023), apresenta um debate pontuando os aspectos do desenvolvimento da pedagogia por projetos trazendo elementos a partir de 1990, apresentando os aspectos relevantes ao desenvolvimento da pedagogia por projetos, e posteriormente os debates sobre a pedagogia da alfabetização. Mais tarde de acordo com o que pontua a Ceale (2023), a questão do desenvolvimento das práticas de ensino por meio de projetos, ganhou mais notoriedade e adeptos a partir do Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, segundo o que apresenta o texto, partindo do pressuposto de considerar o contexto do aluno e sua efetiva participação e conhecimentos prévios, o PNAIC trazia a sugestão do trabalho consequência didática.

Ao pontuar as contribuições o professor Artur Morais UFPE, apresenta críticas feitas por esse professor ao processo educativo, quando diz que,

A imposição do uso de “apostilados” e “sistemas de ensino”, a redução do ensino a um “treinamento para os alunos serem bem-sucedidos em avaliações externas”, a adoção do sistema de ciclos “sem propostas de efetivo atendimento aos alunos que têm um ritmo mais lento”, a realização de programas de “remediação” e a realização de avaliações externas “sem currículos e sem que as matrizes de habilidades avaliadas sejam discutidas pelos educadores” são outras questões que, para o professor da UFPE, não têm favorecido o ensino de alfabetização. Todas as dimensões apresentadas pelo autor podem ser consideradas modismos que não alteram, na essência, as práticas e resultados da alfabetização. (UFMG, 2023, p. 03)

Por fim, o texto da Ceale (2023), aponta que, é necessário que a formação pedagógica dê conta da inserção de inovações pedagógicas para o ensino e aprendizagem, considerando que em muitos pontos as práticas tradicionais são mais exclusivas que inclusivas, no que se refere a consideração do aluno, seus saberes e vivências, e nesse ponto, salienta que iniciativas como a sequência didática vem na contramão das atividades impostas, prontas e acabadas despejadas na sala de aula para que se cumpra as orientações normativas.

Tratando do assunto da sequência didática especificamente no ciclo de alfabetização, Sá (2018, p. 227-228), ao falar que a solidez do processo de alfabetização e letramento dos estudantes no primeiro ciclo do ensino fundamental, afirma que é um desafio para muitos professores que chegam a sala de aula muitas “vezes sem os referenciais que fundamentam o investimento em estratégias que favorecem o desenvolvimento” efetivo e simultâneo desses processos, conseguir de forma efetiva lançar mão de metodologias de ensino capazes desse feito.

Sá (2018), no desenvolvimento de sua pesquisa se propôs a “analisar a pertinência de o professor do primeiro ciclo do ensino fundamental investir no trabalho com sequências didáticas, garantindo o desenvolvimento das habilidades relacionadas à consolidação dos processos de alfabetização e letramento até a conclusão desse ciclo. ” (p. 228). A autora considera que para tratar do ciclo de alfabetização, é preciso que discutamos os processos envolvidos nessa etapa do ensino, “alfabetização e letramento” que para ela são dois processos diferentes porem indissociáveis.

Sá (2018), menciona Val (2006, p. 19), para conceituar alfabetização quando diz que,

o conceito de alfabetização pode ser definido como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia. O domínio do código escrito, que se estrutura por meio de relações entre grafemas e fonemas está na essência do processo de alfabetização. (SÁ, 2018, p. 230)

De acordo com a fala da autora, a alfabetização é o processo de apropriação e do código escrito, representação dos códigos, necessários para o exercício da escrita e da leitura,

para assim assimilação da comunicação. Desse modo,

A apropriação do sistema de escrita ocorre quando o estudante desenvolve as habilidades situadas no campo da leitura, que lhe permitem decodificar as palavras; o domínio da escrita possibilita a codificação das palavras; já as práticas de linguagem contemplam a apropriação dos elementos sistematizadores da língua. No entanto, os processos ora comentados se restringem ao âmbito individual. (SÁ, 2018, p. 231)

Já a respeito do conceito de letramento, a autora pontua que o termo letramento surgiu no Brasil por volta de 1980, e menciona Soares (2003, p. 15) para definir,

[...] letramento como o “processo de apropriação das práticas sociais de leitura e de escrita acrescido do envolvimento com as práticas sociais da leitura e da escrita”. O termo letramento surge para nomear comportamentos e práticas situadas no âmbito da leitura e da escrita, que extrapolam o domínio individual. O letramento traz consequências tanto para indivíduos, quanto para grupos que dele se apropriam, em razão de sua ampla contribuição para que o sujeito compreenda as implicações sociais, culturais, linguísticas, políticas e econômicas decorrentes do domínio da leitura e da escrita. (SÁ, 2018, p. 231)

A respeito dos processos de letramento e alfabetização, Sá (2018), pontua que,

Soares (1998), define os processos de alfabetização e letramento como distintos, mas indissociáveis. A diferença reside no fato de a alfabetização contemplar o domínio das técnicas de leitura e escrita, enquanto o letramento possibilita ao indivíduo a utilização dos conhecimentos construídos por meio dessas atividades, em práticas sociais. (SÁ, 2018, p. 231)

Além de serem processos intrínsecos, alfabetização e letramento são processos indispensáveis para uma boa comunicação, leitura do mundo, entendimento e interpretação das formas de comunicação que utilizam códigos linguísticos para comunicação. Nesse ponto, o processo de alfabetização nos anos iniciais precisa ocorrer de modo a proporcionar mais que puramente o reconhecimento do código linguístico. Considerando que, “o letramento, por sua vez, se situa em uma rede de conexões mais ampla, uma vez que exige do indivíduo o uso dos conhecimentos construídos e apreendidos por meio da leitura e da escrita em uma perspectiva social” (SÁ, 2018, p. 232).

Nesse sentido,

[...] os processos de alfabetização e letramento podem ser desenvolvidos simultaneamente, pois as teorias nos ajudam a compreender que é possível investir em estratégias que tratem da apropriação dos processos de decodificação e codificação, ao mesmo tempo em que exploramos os aspectos sociais implicados no domínio da leitura e da escrita. (SÁ, 2018, p. 233)

Nessa perspectiva, Sá (2018), apresenta que pensando a importância do processo de alfabetização e letramento, a sequência didática se constitui um importante procedimento sistematizador capaz de contribuir para a efetiva aprendizagem, letramento e alfabetização

dos alunos. Apresentando a sequência didática como um procedimento sistematizador da produção textual.

Para não incorremos no risco de nos determos apenas aos aspectos teóricos dessa abordagem, adotamos os procedimentos acerca da sequência didática, construídos por Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004) para indicar possibilidades para o trabalho com a alfabetização e o letramento no primeiro ciclo do ensino fundamental. Mas, o que seria de fato uma sequência didática? Para Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004, p. 82) “[...] é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. A organização das atividades desenvolvidas pelo professor em razão do investimento no trabalho com uma sequência didática possibilita o acompanhamento da ampliação no nível de proficiência dos estudantes, uma vez que embora os autores apresentem sugestões de atividades para esse trabalho, a definição do que precisa ser contemplado em cada módulo fica a cargo do mediador do processo ensino-aprendizagem. (SÁ, 2018, p. 235)

Posteriormente, a autora discorre sobre o processo de elaboração e execução da sequência didática, pontuando que a utilização da sequência didática por meio de produção de texto, leitura,

[...] possibilita ao estudante refletir sobre os aprendizados construídos ao longo da sequência, quando o professor garante a comparação dos elementos identificados nas produções inicial e final, visto que para um grupo de alunos esse trabalho resulta na superação geral dos problemas identificados na produção inicial, enquanto para outros será possível a superação parcial dos desafios identificados na primeira produção. (SÁ, 2018, p. 237)

Sá (2018), apresenta que pensando no processo de alfabetizar e letrar por meio de uma sequência didática é uma alternativa possível de se realizar, prova disso é apresentação de um “estudo de caso de sucesso” (p. 239),

Assim, Sá (2018, p. 246), conclui que,

[...] os resultados alcançados em 2017 pela rede municipal de Porteiras CE evidenciam que o trabalho desenvolvido, tendo o texto como unidade de sentido e a sequência didática como o procedimento sistematizador da ação pedagógica, pode garantir a consolidação dos processos de alfabetização e letramento dos estudantes ao final do primeiro ciclo do ensino fundamental, já as crianças terão ainda cinco bimestres para consolidar o conjunto de habilidades previsto para o primeiro ciclo do ensino fundamental.

Diante das colocações da autora, a sequência didática é mencionada como uma possibilidade viável, e promissora para o processo de alfabetização. Isso porque proporciona de forma significativa um processo de ensino e aprendizagem uma maior contextualização e relevância dos conhecimentos prévios dos alunos, e com a utilização de produção textual como tema gerador, a efetivação dos processos de alfabetização e letramento podem potencialmente ocorrer de maneira significativa e simultânea.

As autoras Magalhães e Cristovão (2018), discutem em seu livro a respeito da sequência e projetos didáticos no PNAIC, apresentando conceitos de alfabetização e letramento na perspectiva do PNAIC.

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC - é um programa do Ministério da Educação (MEC) que articula Governo Federal, governos estaduais e municipais e do Distrito Federal, numa mobilização de esforços recursos para a valorização dos professores e das escolas; no apoio pedagógico com materiais didáticos de qualidade para todas as crianças do ciclo de alfabetização e na implementação de sistemas adequados de avaliação, gestão e monitoramento, objetivando alfabetizar todas as crianças até oito anos de idade, apresentando como referência o Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007 e a Meta 5 do Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL, 2002, p. 01)

Na perspectiva do PNAIC, o processo formativo deve ter por objetivo a ampliação dos debates a respeito da alfabetização na perspectiva do letramento e dentro de uma abordagem interdisciplinar “que privilegie um diálogo permanente e sistemático com a prática docente e com a equipe pedagógica da escola, para a garantia dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes e para a melhoria da qualidade do ensino público brasileiro” (BRASIL, 2002, p. 01).

Tendo como referência Magda Soares (1998) para tecer os conceitos sobre alfabetização. Para essas autoras a visão sobre alfabetização e letramento seguem o mesmo viés de interpretação que a autora Sá (2018) apresenta. Desse modo, consideram que o processo de alfabetização deve propiciar para além de somente a compreensão do código, mas sim, o alcance da compreensão social do código escrito.

Nesse sentido as autoras Magalhães e Cristovão (2018), destrincham o Pacto – PNAIC, pontuando a forma com que o programa está organizado em seus 04 eixos 1) formação continuada, 2) materiais didáticos, 3) avaliação e 4) gestão, mobilização e controle social. O objetivo do Programa que consistia em “assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental” (MAGALHÃES, CRISTOVÃO, 2018, p. 80). O programa ofertava “curso presencial de 2 anos de duração, totalizando 120h, com encontros mensais (84h), seminários (8h) e atividades extraclasse (28h). No ano de 2013, a ênfase foi em Linguagem e em 2014 em Matemática” (MAGALHÃES, CRISTOVÃO, 2018, p. 80). Também tinham materiais pedagógicos, livros paradidáticos, e orientações para a prática pedagógica. Processo de avaliação do processo, e da eficácia das ações realizadas.

Uma das orientações do Programa era a utilização da Sequência Didática. Nesse sentido as autoras apontam que,

o procedimento sequência didática embora embasado na perspectiva dos autores genebrinos, está ampliada com a contribuição de outros autores. Essa ampliação parece abarcar a questão temática, ou seja, a SD não se volta, nos cadernos do Pacto, apenas para a aprendizagem da língua, mas é concebida como um construto que, além de servir ao monitoramento e à avaliação da aprendizagem da língua, também está sustentando a apropriação de conhecimentos em outros componentes curriculares, condizente com a perspectiva interdisciplinar dos materiais e com a da alfabetização na perspectiva do letramento, com inserção numa cultura da escrita em diferentes esferas de atividades humanas na relação com a escola, assim como com reflexões explícitas sobre os objetos do conhecimento. (MAGALHÃES, CRISTOVÃO, 2018, p.115-116).

Considerando o que Zabala diz a respeito da definição por ele dada, e o que dizem as autoras Magalhães, Cristovão (2018), podemos dizer que a menção da Sequência Didática não algo tão novo, sua proposta de uso vem sendo discutida a algumas décadas, o que nos faz levantar a questão de que o pouco uso dessa metodologia de ensino, tenha maior relação com a resistência a seu uso que a conhecer essa proposta.

Assim, Magalhães, Cristovão (2018, p. 161), diz que,

Trazer reflexões sobre a alfabetização na perspectiva dos letramentos significa contribuir para que os índices de proficiência em leitura atuais no país possam ser mudados. Assim, nossa contribuição realizada nesta obra sobre a importância das sequências e projetos didáticos para as práticas alfabetizadoras visa não somente discutir tais estratégias de ensino [como as sequências didáticas], mas tocar nas possíveis repercussões que elas podem ter diretamente nas salas de aula.

Isso porque,

o viés interdisciplinar da alfabetização, em que diferentes componentes curriculares são agregados à linguagem; os projetos e sequências são a forma de materializar essa circulação do conhecimento produzido pelas crianças sobre diferentes saberes. Assim, a escrita na escola, na apropriação do saber para realização de atividades que se relacionam ao cotidiano, ao bairro, à cidade, à cultura local, é constitutiva da construção de conhecimento. (MAGALHÃES, CRISTOVÃO, 2018, p. 164).

Considerando a potencialidade da sequência didática para o processo de alfabetização, as autoras concluem suas ideias dizendo que,

[...] estamos certas de que pesquisas que tematizem a linguagem, bem como estratégias para seu ensino, são fundamentais para que a escola priorize a sua tarefa de promover o desenvolvimento humano, possibilitando que os sujeitos da interação possam se envolver de forma cada vez mais ativa nas atividades discursivas de sua comunidade. (MAGALHÃES, CRISTOVÃO, 2018, p.167).

Desse modo, podemos dizer que, o uso da sequência didática como ferramenta de ensino aprendizagem possibilita uma alfabetização que leve ao letramento efetivo, isso porque por meio de sua estrutura é possível que diversos conhecimentos se conectem e sejam acessíveis de forma prática na aprendizagem, isso proporciona uma aprendizagem muito mais significativa e plural.

Nessa perspectiva, Santos (2019), apresenta uma análise sobre as metodologias na alfabetização nos anos iniciais. Enfatizando a relevância da Sequência Didática na alfabetização. Em seu trabalho, a autora apresenta um estudo analítico sobre a sequência didática no Ceale. E também a sequência didática no PNAIC – Pacto pela Alfabetização na Idade Certa. E na 1ª edição do Currículo em Movimento do Distrito Federal.

No Ceale, o que orienta a Coleção de alfabetização e letramento é um processo por meio do qual se desenrolaria o processo de alfabetização e letramento. A orientação diz que o processo de elaboração de metodologias didático-pedagógicas precisa passar primeiramente pela elaboração e aplicação de uma avaliação diagnóstica para sistematização dos resultados e as necessidades que deveriam ter mais atenção no processo de alfabetização. Munidos dos resultados os docentes elaboram uma sequência didática que melhor atenderá as necessidades encontradas com a avaliação diagnóstica. Posteriormente, durante a aplicação das sequências didáticas e simultaneamente a sua aplicação, o desenvolvimento do processo de monitoramento e avaliação.

Já na análise da sequência didática no PNAIC, Santos (2019, p. 77), diz que,

[..] é possível notar que a sequência didática serve para diversos pontos positivos, principalmente para os estudantes, mas sobretudo para nós, pois é com ela que podemos observar o que pode ser melhorado, nas nossas didáticas em sala de aula com os estudantes. Também após a leitura dos cadernos do PNAIC, é possível ressaltar que o trabalho feito com a sequência didática serve para melhorar cada vez mais a motivação dos estudantes.

Nas edições do Currículo em Movimento do Distrito Federal, a sequência didática é apresentada como uma possibilidade para alfabetização, e segundo a autora apesar de ser pouco mencionada no documento é citada como possibilidade metodológica.

Ao finalizar de sua análise Santos (2019, p. 85), aponta que,

A partir do estudo é possível observar que com uma boa organização do docente, a sequência didática irá ajudar a saber como está a evolução dos estudantes no conteúdo, se existe uma necessidade de prolongar ou revisar, o que está sendo estudado. Quais os pontos em que o professor precisa melhorar e os métodos que deverão ser atribuídos. A participação e o interesse dos estudantes em aprender podem aumentar com a utilização da sequência didática em sala de aula. E por fim, pode ser acrescentado a interdisciplinaridade, pois, com a utilização dessa metodologia podem ser acrescentados diversos conteúdos ao tema principal.

Lopes e Amaral (2020), discutem a respeito das sequências didáticas e possibilidades de uma prática pedagógica interdisciplinar. Nesse ponto, as autoras afirmam que, “a sistematização da sequência didática irá contemplar o desenvolvimento das competências do aprender. Muitas são as formas de sistematizar essas aprendizagens significativas,

concretizando o que as sequências didáticas vêm propor: a construção do conhecimento” (p. 06). Sendo também, uma das abordagens mais viáveis para efetivação da interdisciplinaridade.

Na Base Nacional Comum Curricular, Brasil (2018), não aparece o termo sequencia didática, todavia, com a forma de orientação de organização do conhecimento em áreas, abre uma possibilidade para infinitas sequencias didáticas.

Em suma, a Sequência Didática se constitui em uma ferramenta poderosa no processo de ensino aprendizagem para uma formação mais plural e significativa contribuindo para a formação social do ser humano.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

A respeito do procedimento metodológico adotado, essa pesquisa foi construída sob os moldes de pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfica para finalidade de pesquisa exploratória, com a utilização de fontes bibliográficas como instrumento de coleta de dados. Para a fundamentação teórica assentamos nosso proceder metodológico no que diz Prodanov e Freitas (2013), que dialoga com Marconi e Lakatos (2007):-

Os autores assim definem a pesquisa qualitativa,

Pesquisa qualitativa: considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70)

A respeito da pesquisa bibliográfica, “pesquisa bibliográfica, caracteriza-se por analisar e discutir informações já publicadas” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 159), e expõe que a pesquisa exploratória se define como

[...] quando a pesquisa se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso. A pesquisa exploratória possui planejamento flexível, o que permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos. Em geral, envolve: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram

experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52)

Quanto aos instrumentos de coleta de dados, os autores definem que a coleta de dados se dá por meio de etapas, “1) escolha do tema; 2) levantamento bibliográfico preliminar; 3) formulação do problema; 4) elaboração do plano provisório do assunto; 5) busca das fontes; 6) leitura do material; 7) fichamento; 8) organização lógica do assunto; 9) redação do texto” (PRODANOV; FREITAS; 2013, p. 55).

Após a construção da pesquisa a redação deste artigo seguiu a orientações da Manual ABNT: regras gerais de estilo e formatação de trabalhos acadêmicos, (BRITO; CHOI, 2021).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao observarmos o que dizem as pesquisas apresentadas podemos perceber alguns pontos que valem ser mencionados. Em primeiro lugar, apesar de Zabala ser conhecido por seus estudos acerca da sequência didática, nem todos as pesquisas o citam, mas ou citam autores com a mesma linha de conceituação, ou autores que coadunam com Zabala.

Outro ponto interessante a ser mencionado, é que um dos maiores entraves para uma maior utilização da sequência didática, não é a falta de referencial teórico a respeito, tão pouco, na falta de guias para sua utilização prática, mas encontra-se na resistência por parte de uma parcela de docentes que munidos ou do ceticismo quanto a novas metodologias, ou por resistência ao novo, não se permitem experimentá-la. (BEM, 2007; UFMG, 2023).

Nesse sentido alguns trabalhos pontuam a Formação Continuada como indispensável para o processo de ressignificação da prática docente, e fortificação da conduta do professor quanto a sua prática em especial na fase de alfabetização. Além disso, é por meio da Formação continuada que o profissional da sala de aula pode num movimento de teoria e prática, alcançar a práxis. (BEM, 2007; SANTOS 2006; UFMG 2006; SUCUPIRA, 2017; SOUSA 2022).

Nessa mesma linha, notamos que em geral, nos trabalhos analisados, a sequência didática de forma bem frequente está atrelada a formação continuada. No processo de alfabetização aparece como possibilidade para o desenvolvimento indissociável da alfabetização e letramento. (SANTOS, 2019; LOPES E AMARAL 2020; SÁ 2018;

MAGALHÃES E CRISTOVÃO 2018; SOUSA 2022; MANSANI 2021; FREIRE E VALADÃO 2014; CRESTANI E SANDMANN 2023).

A sequência didática é também apresentada como potencializadora da aprendizagem, procedimento sistematizador de conhecimento, metodologia didática de ensino, ferramenta formadora, procedimento didático metodológico para ensino aprendizagem, para o ensino interdisciplinar, para a alfabetização e letramento. (SÁ 2018; SANTOS 2019; LOPES E AMARAL 2020; MAGALHÃES E CRISTOVÃO 2018).

Portanto, as ideias a respeito da sequência didática no ciclo de alfabetização, não tem grandes divergências, quanto a recomendação, ou forma de utilização. Pelo contrário, em muitos pontos as informações das pesquisas se completam e convergem no que dizem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos esta pesquisa com a intensão de desvendar quais desafios podem ser encontrados no uso da sequência didática no ciclo de alfabetização? Nesse ponto pudemos perceber que o maior desafio par ao uso da sequência didática no ciclo de alfabetização, está em primeiro lugar na necessidade de boas formações continuada, que propicie o conhecimento dessa ferramenta didática para além da teoria, e em segundo ponto reside na resistência de uma parcela de docentes em lançar mão de novas práticas.

Para alcançarmos a apuração da problemática, elencamos como objetivo geral: compreender como têm ocorrido a aplicação de sequência didática no ciclo de alfabetização, O que percebemos é que para aqueles que se permitem, o uso da sequência didática tem ocorrido com êxito, todavia num ritmo ainda menor que as metodologias tradicionais atreladas ao livro didático e ao ensino tradicional. De certa maneira a sequência didática ainda é pouco mencionada como uma metodologia viável nas recomendações oficiais. Todavia, há menção a necessidade de um ensino Inter e transdisciplinar.

Desse modo, podemos dizer que não só o uso da sequência didática é uma metodologia viável para a alfabetização, é também uma ferramenta que proporciona, um alcance maior dos conteúdos, e maior conexão com a realidade dos alunos, e valorização de seus conhecimentos prévios, e possibilidade para um desenvolvimento escolar plural que leve a apropriação dos letramentos, e por conseguinte a leitura do mundo social e posicionamento

nele.

Assim, pontuamos que é importante lembrar que quanto mais discutirmos, alternativas que fujam do que é maçante, buscando debater a respeito das possibilidades que nos aproximem de um ensino que alcance a singularidade da aprendizagem de cada aluno, mais perto estaremos do êxito no processo de alfabetização, e aprendizagem nas escolas públicas. Mas, para isso, o debate teórico precisa alcançar a prática de forma mais aproximada, de igual modo, a prática precisa constantemente buscar ressignificação na teoria.

REFERÊNCIAS

- BEM, Maria Helena de. Resistência a formação continuada para professores em atuação: relato de experiência com professores da rede municipal de ensino de Balneário Camboriú SC. In: **Linhas**, Florianópolis SC, v. 8, n. 02, p.46-62, jul. /Dez. 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRITO, Gisele Ferreira de. CHOI, Vania Picanço. **Manual ABNT**: regras gerais de estilo e formatação de trabalhos acadêmicos, Centro Universitário Alvares Penteado – FECAP, Biblioteca – FECAP Paulo Ernesto Tolle, 2021, 109p.
- CRESTANI, Jaqueline Guder. SANDMANN, André. **Uso de sequência didática associadas a avaliação continuada**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná- Campus de Medianeira, 2023, 17p.
- FREIRE, Jeferson Valadão. ARAUJO, Júlio Cezar Pereira. Situações de leitura e escrita em sequência didática no processo de alfabetização e do letramento. **VIII FIPED – Fórum Internacional de Pedagogia**. Santa Maria – Rio Grande do Sul, 30/jul. a 01/ao 2014.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed.5. REIMP. São Paulo: Atlas, 2007
- LEÃO, Vicente de Paula; LEÃO, Inêz de Carvalho. **Ensino de geografia e mídia**: linguagens e práticas pedagógicas. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2008.
- LOPES, Maria Liz Meinhardt. AMARAL, Lisandra Catalan do. Sequências didáticas e possibilidades de uma prática pedagógica interdisciplinar. **Caderno Marista De Educação**, v.10, n. 1, 2020.
- MANSANI, Mara. Passo a passo: como organizar sequência didática na alfabetização. In: **Nova Escola**, 15 de novembro 2021, 04 p.

MAGALHÃES, Tânia Guedes. CRISTOVAO, Vera Lúcia Lopes. **Sequencias didáticas no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: uma leitura.** Campinas –SP: Pontes Editores, 2018, 184p.

BRASIL. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: formação de professores no pacto nacional pela alfabetização na idade certa** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. 2002.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Nova Hamburgo: Feevale, 2013.

SÁ, Cícera Alves Agostinho. Sequencia didática: procedimento eficaz na alfabetização e letramento no primeiro ciclo de ensino fundamental. In: **LETRAS Dialogadas.** Pau dos Ferros – RN, v. 7, n. ° 2, p. 227, 2018.

SANTOS, Ana Carolina Alencar dos. **Um estudo bibliográfico sobre sequencia didática no ensino da leitura e escrita.** TCC – UNB: Brasília DF, 2019.

SANTOS, Roberta Rodrigues dos. **Formação continuada de professores sobre estruturas multiplicativas a partir de sequência didática.** Dissertação – Universidade Federal de Pernambuco, Recife – PE, 2006

SOARES, M. **Letramento: tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUSA, Andréia Vaz Cunha. **Formação de leitores no ciclo de alfabetização- Caderno de sequencias didáticas.** Orgs: Andreia Vaz Cunha de Sousa e Samuel Luiz Velázquez Castellanos, UFMA, 2022, 45p. .

SUCUPIRA, Iara da Silva. **Sequencia didática como estratégia facilitadora do processo de ensino-aprendizagem de frações.** Universidade Grande Rio – Duque de Caxias: RJ, 2017, 133p.

UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais. **Inovações Pedagógicas na alfabetização/parte4.** In: **CEALE,** Belo Horizonte – MG, 2023.

VAL, M. G. C. O que é ser alfabetizado e letrado? In: CARVALHO, M. A. F.; MENDONÇA, R. H. (Orgs.). **Práticas de leitura e escrita.** Brasília: Ministério da Educação, 2006, p.18-23.

ZABALA, Antoni. As sequências didáticas e as sequências de conteúdo. In: Antoni Zabala / **A prática educativa: como ensinar,** 1998, p. 53-87.